



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

HOTEL MAKSOUH PLAZA, SÃO PAULO, SP,

11 DE NOVEMBRO DE 1997

Meu caro amigo e Presidente da nossa irmã, República Argentina, Carlos Menem; Senhor Governador Mário Covas, como sempre prestante em qualquer momento em que, por alguma razão, haja dificuldade ou haja necessidade, ou mesmo, às vezes, sem tanta necessidade; sem que seja necessário sequer um telefonema, o Governador de São Paulo não foge da raia e apóia aquilo que considera importante para o Brasil. E eu me alegro com essa referência tão aberta, tão decidida, nesta tarde, de apoio total às decisões difíceis que o Presidente da República foi obrigado a tomar.

Ao citar esses dois homens públicos, Menem e Mário Covas, eu creio que resumo a sensação, de todos nós, de que aqui estamos diante de um momento muito especial. Aqui, ao meu lado, companheiro de Mesa, o Prefeito de São Paulo, os Ministros, o Ministro do Exterior da Argentina, o Presidente da União Industrial Argentina, o Presidente da Fiesp, o Ministro em exercício das Relações Exteriores do Brasil. Estamos aqui, escoltados pelos nossos embaixadores na Argentina e no Brasil. Estamos aqui, ao lado esquerdo, também escoltados pelos representantes das outras federações, da Agricultura, do Comércio, do Bancos do Bra-

sil e diante de uma platéia variada, sólida, de empresários brasileiros e argentinos.

Só esse fato de estarmos juntos dessa forma, de termos ouvido o que já ouvimos dos representantes dos empresários e do setor político, cobertos de aplausos, e de termos prestado atenção à mensagem transmitida pelos empresários mostra um fato novo.

Há pouco, eu dizia, aliás, eu repetia, porque, ao saudar o Presidente Menem, na Embaixada da Argentina, hoje, eu recordava que, em 1961, eu fui a Buenos Aires, assim como fui a Santiago, fui ao México, para fazer uns estudos sobre a integração e sobre os empresários industriais desses países. Eram épocas da Alalc. Nem eram da Aladi, eram da Alalc. Naquela época, a desimportância do tema era chocante para quem, como eu, acreditava na integração. Não encontrava apoio na prática. Não havia caminhos a percorrer, porque a idéia parecia uma idéia generosa, mas distante da atividade prática de cada um.

Pois bem, hoje aqui, o que nós vemos é a reafirmação da vontade coletiva de trabalharmos juntos na integração – setor político e setor empresarial, brasileiros e argentinos –, sem que haja reparo, pelo menos de minha parte, a qualquer das afirmações feitas pelos representantes das empresas. E, se nós nos recordarmos do nosso encontro, em Belo Horizonte, vamos ver que o caminho traçado lá está colhendo frutos aqui. E o que os empresários nos pedem é exatamente o que o Presidente Menem e eu dissemos, nestes dois dias, e os nossos ministros da área econômica e os ministros de Relações Exteriores, também: estamos numa fase em que temos que ir além de simplesmente reafirmar o nosso interesse no Mercosul, e nós temos que aprofundar o Mercosul.

E isso foi pedido aqui. Foi pedido, pelos empresários, que o Mercosul, além de ser o que já é, uma zona de livre-comércio, além de transformar-se numa zona de união aduaneira, de mantermos a tarifa externa comum, de ampliarmos o Mercosul em termos das nossas relações com os nossos países associados, a Bolívia e o Chile, que o Mercosul, sobretudo, se aprofunde em as instituições capazes de garantir certas regras do Mercosul, garantir a estabilidade do Mercosul e assegurar que a nossa união seja política e haja o que disse o Presidente Menem,

alicerçado naquilo que é fundamental em qualquer relação humana e, também, na relação política, que o Governador Mário Covas, com muita felicidade, mostrou aqui, que é uma identidade, até subconsciente, de interesses.

Pelo fato, mesmo simbólico, de que a *Virgen de Laurent* – eu não sabia – fora obra de paulistas e de que, como vi hoje, o avião do Presidente Menem se chama *Virgen de Laurent*, se vê, até mesmo de uma maneira, digamos, subliminar e inconsciente, essa identidade de sentimentos, fundamental para permitir que haja o que é decisivo no passo a dar-se, que é a relação política.

Não há relação política possível, se não há emoção posta nela. Não há relação política durável, se ela é apenas contratual. Claro, nós todos sabemos que há interesses e que as relações, inclusive as políticas, se baseiam nesses interesses. Mas o puro interesse gera o mercado, não gera a união política, não gera a integração, não gera o cimento que leva as nações a se sentirem irmanadas, nem gera a força moral, que permite aos governantes coordenarem as ações e terem o respaldo daqueles que são governados.

Aqui, nós estamos assistindo à passagem de um momento econômico para um momento político. E quem nos pediu isso foram os senhores empresários. Que nós avançássemos mais, consolidando a força política da nossa junção como Mercosul, aperfeiçoando as nossas instituições, mas, também, tendo uma estratégia comum.

E o Presidente Menem, a quem eu reitero os meus agradecimentos – eu já não sei nem mais como agradecer essa constante solidariedade a mim e ao Brasil –, foi muito feliz ao mostrar que hoje – tempos, como disse ele, de mundialização, de globalização – nós temos que definir, também, nossos objetivos e traçar nossos rumos.

Mercado é muito importante. A globalização é uma forma de integração, que vai além dos mercados. Integra os sistemas produtivos, não só o comércio. Vai mais além. Integra as finanças. E, talvez, além de ir mais além, em certos momentos transforma as finanças em especulação.

Mas o mercado é uma condição para a atuação humana. Não é um valor. Não cabe perguntar se se gosta ou não se gosta da globalização. Ela é um fato. Ela é uma condição da nossa atuação.

Mas nós, se não tivermos valores e objetivos compartilhados e a capacidade política de definir os nossos objetivos, aí, sim, nós estaremos atrelados, cegamente, a forças que não somos capazes de controlar.

Daí a importância de dispormos, hoje, dessa vontade política. Não para nos contrapormos àquilo que é uma circunstância, mas para tirarmos dessa circunstância as vantagens que permitam beneficiar o nosso país e o nosso povo.

E está claro que aquilo que foi sonho no passado – e por isso me referi à Aladi, Cepal, Prebisch, ao ABC aqui –, que já foi referido pelo Presidente Menem, ao falar de Videla, ao falar de Vargas, ao falar de Perón, aquilo que foi sonho, no passado, é hoje realidade palpável. É hoje a condição para nós avançarmos. Só ganharemos esta batalha de melhoria de vida dos nossos povos, se nós estivermos juntos. Só ganharemos, se nós entendermos as forças da globalização. Só ganharemos, se nós soubermos tirar vantagens da inserção competitiva que somos obrigados a seguir.

Mas só ganharemos, se nós tivermos a capacidade política de, juntos, definirmos de que maneira, como e quando aceitar tais ou quais regras. Marcharemos, sim, para a Alca. Eu sei que o Presidente Clinton tem dificuldades nos Estados Unidos. Uma vez eu disse a ele, brincando, que a diferença entre nós, além de muitas outras do poder dos Estados Unidos, é o fato de que ele tinha uma maioria organizada contra ele e eu tenho uma maioria desorganizada a meu favor.

E, certamente, apesar das dificuldades momentâneas do Presidente Clinton, pelas razões que acabo de descrever, a Alca vai voltar a ser um tema no Congresso americano no ano próximo. E é uma preocupação nossa, porque é um condicionamento da globalização. Vamos marchar para ela, mas vamos marchar no espírito que foi reafirmado aqui.

Na linguagem do Itamaraty, trata-se do *single and taken*, um empreendimento único – assim se chama –, a ser iniciado, no momento definido, por consenso, quando estivermos de acordo, negociando os pontos que nos interessam, negociando, como os senhores pediram, a questão agrícola com os países produtores já industrializados.

Faremos a mesma coisa com a União Européia. Queremos um acordo com a União Européia. Já temos um acordo-quadro. Vamos avançar mais nesse acordo. Os chilenos fazem a mesma coisa na Apec, e é bom que o façam. Seria um grave erro imaginar que a União Européia ou a Alca são ameaças. Não são ameaças. Ameaça é a nossa desunião. Ameaça seria a nossa incapacidade de definirmos o que desejamos. Ameaça seria a falência das lideranças, se não tiverem a força moral que une os países ao redor dela.

É por isso que eu acredito que o que está acontecendo aqui, nesta sala, neste momento, é muito importante. Momento que já foi referido pelos que me antecederam, que é um momento de dificuldade. Um momento em que é preciso, com muita tranqüilidade, mas com muita firmeza, reafirmar nossa crença nos nossos países, como, no momento oportuno, tantas vezes o Presidente Menem fez com a Argentina, e ele sabe o apoio que dei, e como, agora, nós fazemos no que diz respeito ao Brasil. E agradeço, mais uma vez, o apoio que recebo da Argentina e do Presidente Menem.

Temos que reafirmar a nossa confiança com serenidade. Isso nos custará, eventualmente, ajustes, decisões, que não são prazerosas, mas necessárias. E quando se tem convicção, se toma a decisão. Quando se tem convicção, nada mais importa, senão juntar o máximo de força de que se disponha para acertar aquilo que é fundamental, que é o interesse do País, é o interesse do povo.

Pouco importam até mesmo as avaliações eventuais a respeito da justiça ou não dos atos tomados. Claro, havendo engano, há que corrigi-los. Mas o que vale, nesses momentos, é a convicção. É, realmente, a força que não é só íntima, porque se fosse só íntima seria insuficiente para arrostar as dificuldades. É a força que deriva da compreensão, de que vem o apoio, como está acontecendo neste momento, nesta sala e neste país.

E é por isso, Presidente Menem, que nós vamos vencer essa dificuldade, juntos. É por isso que não devemos nunca perder de vista que o Brasil tomou decisões, que são irreversíveis. São irreversíveis, no que diz respeito à reforma do Estado, porque se impõem. Aqui há governadores, prefeitos, pessoas que têm traço na administração pública e que

sabem que isso é essencial. Sabem que nós não podemos deixar de prestar atenção às condições da Previdência Social, que também, daqui a algum tempo, se não houver medidas radicais na sua modificação, criará um embaraço muito grande.

Sabem também que, se nós não aumentarmos a poupança interna, a poupança doméstica, os recursos externos, que são grandes, estão vindo e virão, mas serão insuficientes. Portanto, temos que tomar, também, aqui, uma série de medidas que ampliem a poupança interna, para que o investimento possa seguir.

Sabem, também, que nada disso frutificará, se não houver uma melhor distribuição de renda, que não se faz por decreto nem por golpes de retórica, mas com trabalho sério e continuado, aumentando oportunidades de emprego, dando mais educação, criando condições, efetivamente, de que as oportunidades se igualem.

Essas decisões, hoje, já são irreversíveis, porque estão no coração do povo. Essas decisões, hoje, são pensamento geral dos nossos países. E os nossos países também sabem que houve outras decisões – e o Brasil as tomou e a Argentina também – que também são irreversíveis, até fisicamente.

O Brasil decidiu, eu sublinho, decidiu mudar a sua matriz energética. Se, no passado, tudo se orientava para a autarquia, hoje tudo se orienta para a complementaridade.

O gás da Bolívia, que foi sonho – ou pesadelo, depende do ponto de vista – de 40 anos, hoje é realidade. Em pouco tempo mais, estará aqui em São Paulo, ajudando a criar empregos, fábricas, desenvolvimento.

O gás da Argentina – e eu fui recentemente ao Rio Grande do Sul para assinar um acordo – estará rapidamente em Uruguaiana, em Itaqui, na região, hoje, deprimida do Rio Grande do Sul, porque não tem energia. Sobre a energia hidrelétrica, nós começamos fortemente com Itaipu, com o Paraguai, hoje temos estações de reconversão e estamos fazendo a unificação das nossas linhas entre a Argentina e o Brasil. E, dentro do Brasil, o Brasil inteiro. E, lá em cima, no Norte, lá em Roraima, a eletricidade será gerada na Venezuela.

Isso todo é novo. Além disso, disse o Presidente Menem, precisamos de 35 bilhões, 35 mil millones por ano, para assegurar a integração física dos nossos países. Dentro de alguns dias, estaremos, juntos, inaugurando uma ponte chamada São Borja-Santo Tomé, em poucos dias. A mim mesmo me assustou – e creio que ao Presidente Menem, também – a relação de pontes que estão sendo planejadas para unir o Brasil e a Argentina. Pontes que não havia, porque, no passado, tínhamos medo dos nossos exércitos.

Eu próprio participei de uma manobra conjunta dos exércitos brasileiro, argentino e uruguaio. E, como disse, com um pouco de liberdade, quase me senti Comandante-em-Chefe do Exército argentino, porque o Presidente Menem não estava lá. E ele poderia se sentir da mesma maneira em relação ao nosso, se eu não estivesse lá. Esse espírito novo de integração, pudessem os senhores ter assistido à reunião que tivemos com os militares dos nossos três países e, em seguida, essa manobra, para sentirem que esse mesmo espírito que existe, aqui, existe, hoje, entre as nossas Forças Armadas. Existe, hoje, o mesmo espírito com as nossas universidades e os nossos pesquisadores. Existe, crescentemente, o mesmo espírito do povo brasileiro e do povo argentino, até porque as correntes de turismo e de comércio intensificam as relações.

Então, todas essas teias que nós estamos tecendo são teias irreversíveis. E nós não queremos, de uma maneira egoística, limitar esse esforço enorme a Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, acrescido de Bolívia e de Chile. Nós queremos mais. Nós temos a aspiração de organizar o espaço sul-americano, de manter as relações mais abertas com o espaço latino-americano, para, através desses *building blocks* de que já dispomos, construirmos a Alca de uma maneira estável, de uma maneira que seja um acrescentamento, e não uma expulsão.

Integração sem exclusão. Sem exclusão de áreas e também sem exclusão de temas. Sem exclusão de interesses e sem exclusão de áreas, porque não nos interessa integrarmos naquilo em que somos menos competitivos ou mais competitivos, perdermos a competitividade e não termos a possibilidade de entrar onde somos mais competitivos, não. Queremos uma integração plena.

Essa é a nossa visão, de que hoje compartilhamos todos, que é a visão que permite que marchemos com confiança para o futuro, para o crescimento econômico, para a distribuição de renda, para a melhoria de vida efetiva dos povos, que permite que nós, com tranqüilidade, não só enfrentemos os temporais eventuais – e, hoje, aqui, houve chuva de granizo em São Paulo e passamos bem – que possam ocorrer, mas também que nós possamos construir caminhos num nível global. Aqui se usou uma expressão de que eu gosto muito: que nós somos comerciantes em nível global, tanto o Brasil quanto a Argentina, o Mercosul. E vamos continuar mantendo esse nosso perfil, negociando com a Ásia, negociando com a Europa, negociando com a África, com o Oriente Médio e conosco.

Agora, nos enche de satisfação e de orgulho saber que, de 1990 a 1996, o comércio interno, no nosso bloco, passou de 4 bilhões de 200 milhões de dólares, *4 mil e duzentos mil millones de dólares*, a 17 bilhões de dólares, *17 mil millones de dólares*, num lapso de tempo muito pequeno, e que isso foi feito com o aumento do comércio com as outras áreas do mundo, porque não somos um bloco fechado. E se nós somos, sim, fortaleza na nossa convicção e na defesa dos nossos interesses, nós não somos fortaleza no sentido de isolarmo-nos do mundo, porque nós sabemos que o mundo, hoje, requer aberturas e requer a capacidade de sentir esse ar, que, às vezes, é um pouco selvagem, mas é necessário, porque ele motiva, ele modifica, ele faz o que diz o Governador Mário Covas: permite que se aumente a produtividade, faz com que sejamos mais competitivos. Portanto, ele é um ar necessário, para que nós não nos estiolemos, gostando apenas daquilo que é feito, aqui, entre nós.

Termino por agradecer-lhes, de todo o coração, ao Presidente Menem, a este amigo, a este homem que transformou a Argentina. E eu conheço razoavelmente bem a Argentina. Quando digo isso, eu creio nisso. Eu creio nisso, porque vi as transformações que ocorreram na Argentina.

Esta pessoa, que hoje tem a generosidade e a coragem de ter uma posição muito firme em todo o processo de integração, de forma que, em

qualquer momento, respeitando, naturalmente, os interesses e as individualidades da Argentina, nós a sentimos próxima a nós, brasileiros.

Por isso estamos, realmente, extremamente contentes com a sua visita aqui e me alegra muitíssimo, se eu posso pegar um pedacinho da seara do Governador Mário Covas, dizer que ela termina aqui, em São Paulo, que é a nossa terra, que é a terra onde nós vivemos e que é a terra que, talvez, seja a mais próxima da Argentina, no conjunto do Brasil.

Agradeço muito ao Presidente Menem, mas não quero deixar de lhe dizer uma última palavra, depois de reafirmar meus agradecimentos, ao que foi dito pelo Governador Covas. É que, desta vez, a brincadeira que fiz, de que eu e o Presidente Menem estávamos preocupados, porque o Presidente da União Argentina e o Presidente da Fiesp estavam muito unidos e isso podia parecer um grupo só contra dois homens, não tem nenhuma razão de ser. Não há, aqui, um grupo contra dois presidentes, ou governadores, ou prefeitos. Aqui nós somos todos a mesma coisa. Pertencemos à nossa pátria do Mercosul, à nossa pátria americana, à Argentina e ao Brasil.

Muito obrigado.